



# Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Comunidade de Aliança e Vida (Distribuição gratuita) Edição: Junho /Julho - 2012

## Jesus Manso e Humilde de Coração, fazei o nosso coração semelhante ao Vosso

A Palavra revela o amor do coração de Jesus!

“...mas um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água.” (Jo 19,34)

É a própria Palavra que revela o amor do Coração de Jesus por todos nós. Num último ato de amor, Jesus deixa-nos Seu adorável Coração exposto, derramando d'Ele Sangue e água. E todo Seu Sangue foi derramado, para que nós pecadores, fossemos salvos!

Será que compreendemos verdadeiramente o amor que nos é oferecido? Será que após tanto tempo partilhando sobre o Coração de Jesus, o nosso coração se deixou penetrar e transformar pelo amor deste Sagrado Coração?

Não basta sermos devotos do Coração de Jesus para apenas nele depositarmos nossas dores, enfermidades, angústias e pedidos, é necessário atendermos ao convite que o próprio Jesus nos faz: **“Aprende de mim que sou MANSO E HUMILDE de coração.”** (Mt 12,24).

O mês de Junho é dedicado ao Coração de Jesus e sua proposta para nós é que nos empenhemos a viver o pedido que Ele nos faz: Viver na mansidão e na humildade tendo sempre em frente aos nossos olhos o seu Coração Amoroso, aberto pela lança fria de nossos pecados.

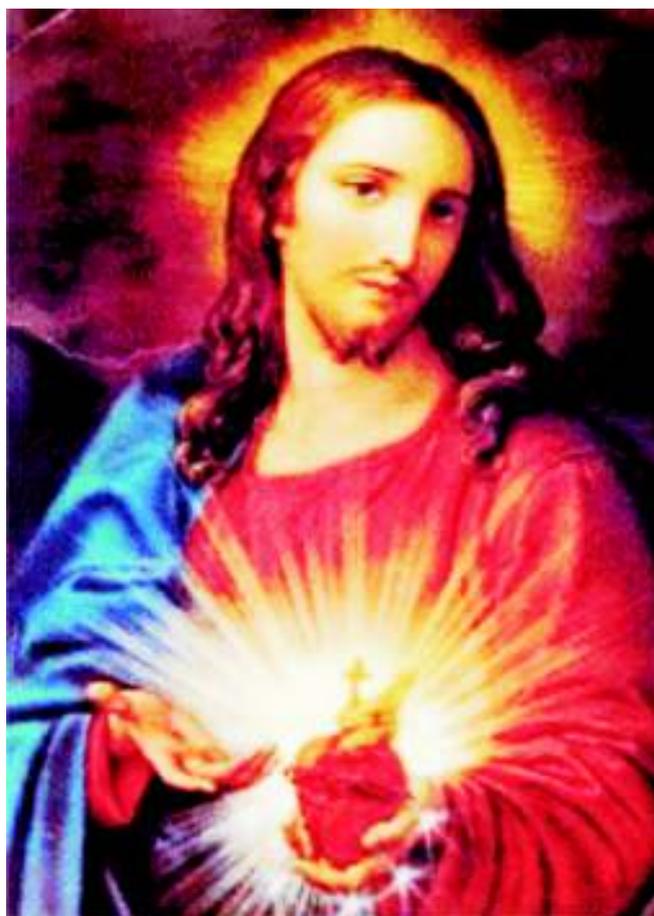
Mas, o que é ser manso de coração? É ser terno, paciente, bondoso. São Francisco de Sales diz: “É a mansidão a virtude das virtudes que Jesus tanto nos recomendou”. O coração manso tem a capacidade de acolher, compreender e perdoar, por isso é tão próximo do Coração de Jesus. Aquele que é manso de coração usa desta virtude para construir a paz tão desejada. O manso de coração, quando corrige o próximo, age com amor e não com agressão ou aspereza. É assim que podemos entender o que Jesus diz: “Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra”. (Mt 5,5), pois, quando agimos no amor, ganhamos o irmão.

Mas, devemos também aprender a ser humildes, mesmo quando somos tentados pelo orgulho! O mundo moderno a todo instante nos tenta a sermos vaidosos e orgulhosos...

O humilde não se orgulha vendo em si grandes qualidades. Sabe que tudo o que possui é dom de

Deus, e que de seu só tem o nada e o pecado! Por isso, quando nos vemos mais favorecidos por Deus, mais devemos ser humildes. Tudo o que do Senhor recebemos não é por merecimento pessoal, mas por Sua Infinita Misericórdia. Que seria de nós sem a ternura misericordiosa de Deus?

O verdadeiro humilde não busca a sua glória, ao contrário, esquivava-se das honras que os homens podem lhe dar.



Será que nós temos vivido na humildade? Ser humilde também é ser simples e verdadeiro, reconhecendo-se limitado e na total dependência do Senhor Deus.

Na casa da nossa santificação o alicerce é a humildade. O telhado é a proteção de Deus na qual unicamente devemos confiar.

(Pe. Hélio da Cunha)

Em Mt 11, 29 diz: "Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas".

O Pe. Gabriel de Santa Maria Madalena comenta: "É 'jugo' a lei de Cristo, porque requer disciplina das paixões, negação do egoísmo, mas é jugo 'suave e leve' por ser lei de amor. Quanto mais soubermos imitar a mansidão e humildade do Coração de Cristo, tanto mais experimentaremos quão doce é segui-lo na obediência à vontade do Pai, quão suave é amar como ele amou, mesmo quando exige o amor os maiores sacrifícios. 'Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis repouso para as vossas almas'. Fonte inesgotável de conforto e salvação é o Coração de Cristo e, ao mesmo tempo, escola de santidade" (Intimidade Divina, 386), e: "Ó Senhor, manso e humilde sois! Manso, porque me suportais. Por causa de minha fraqueza, minha tendência é dissipar-me. Curai-me e terei estabilidade! Dai-me forças e ficarei firme. Enquanto, porém não me concederdes tudo isto, suportai-me, porquanto sois, Senhor, clemente e bom" (Santo Agostinho, No SI 85, 7).

O Coração de Nosso Senhor é a Escola onde aprendemos a mansidão e a verdadeira humildade.

Se desejamos realmente ser mansos e humildes, mergulhemos no Santíssimo Coração de Jesus: "A mansidão é a forma da bondade, forma sublime e delicada que a torna atraente. Uma bondade rude e mal educada é uma bondade sem forma, uma bondade que não saberia impor-se aos corações. Mas, logo que ela é revestida de mansidão, toma um império soberano e arrasta tudo por poderosos atrativos. Tal foi a bondade de Jesus. A mansidão, temperando o zelo extraordinário do Mestre, tornava-O suave, afável, atraente. Todo o seu ser estava impregnado de um encanto tão irresistível que todos - as crianças com os velhos, os doentes, as multidões inteiras - iam ter com Ele e seguiam os seus passos. 'Aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração' (Mt 11, 29), dissera Jesus. Era mansidão íntima transparência no seu exterior, arrebatava todos os corações. Gostavam da sua conversação, aceitavam os seus ensinamentos que a unção divina, em seus lábios, tornava simples de compreender e fáceis de abraçar. Seguiam-no até ao meio dos desertos, esquecendo as necessidades da vida, e, uma vez entrevistados, uma vez experimentados os encantos tão doces da sua palavra, já não se podiam afastar d'Ele. 'Deixai vir a Mim as criancinhas' (Mt 19, 14), dizia. Constantemente rodeado por essas frágeis criaturas, gostava de as tomar nos braços, abençoá-las, apresentá-las como exemplo de simplicidade e de pureza aos seus discípulos. 'Ai daquele, dizia ainda, que escandalizar um destes pequeninos que

crêem em Mim!' (Mc 9, 41). Com os enfermos e os doentes que se aproximavam d'Ele, que benignidade e que amorosa compaixão! Como se deixava facilmente tocar pelo espetáculo da sua miséria!" (Serva de Deus Madre Luísa Margarida Claret de la Touche, O Sagrado Coração e o Sacerdócio, 33), e: "A humildade de Jesus aparece ainda no cuidado que Ele tem em esconder a sua ação sob a ação do divino Pai e em fazer desaparecer a sua personalidade. Quantas vezes O ouvimos repetir palavras como estas: 'O Filho nada faz por Si mesmo... Tudo o que ouvi de meu Pai é o que Eu vos digo... Meu Pai opera até hoje e Eu opero também...' Procura, por todos os meios, velar os grandes milagres que opera. Aos cegos que acaba de curar: 'Vede que ninguém o saiba'. - 'Vai, diz a um leproso, e não o digas a ninguém'. Proíbe expressamente aos demônios que proclamem com força a sua divindade, de dizerem que é o Cristo, o Filho de Deus, e Ele mesmo não se nomeia senão Filho do homem. Mas é sobretudo na sua dependência, nesse espírito de submissão que mostra em todas as coisas, que Jesus nos descobre a sua profunda humildade. Os trinta primeiros anos da sua vida podem resumir-se nestas curtas palavras: 'Era-lhes submisso'. Durante os três últimos, não mudou de conduta. Mostrou-se, sempre e em tudo, dependente e submisso. Igual ao Pai na divindade, nada faz, todavia, sem recorrer a Ele pela oração; gloria-se de fazer sempre o que Lhe agrada. Parece esquecer as grandezas, os dons, os privilégios da sua natureza divina, para não se lembrar senão das impotências e das fraquezas da sua natureza humana. 'Meu Pai, diz no Jardim das Oliveiras, que se faça a Tua vontade e não a minha" (Idem, 37).



**"... e encontrareis descanso para vossas almas".**

Não são nos bailes, carnaval, noitadas, etc., que a nossa alma imortal encontrará repouso, mas sim, no Coração de Cristo.

No Coração de Nosso Senhor encontramos descanso para a nossa alma, por isso, engana-se aquele que busca sossego nas drogas, bebidas alcoólicas e prostituição.

Católico, o mundo não pode satisfazer uma alma imortal; somente o Coração de Jesus Cristo é capaz de dar-lhe o verdadeiro descanso.

Milhões são aqueles que percorrem o mundo inteiro atrás de sossego e não o encontra, não o encontra porque o busca em lugares errados. Aproxime-se com sinceridade do Sagrado Coração de Jesus e o encontrará: "... aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas".

Entre no Coração do Amável Senhor, n'Ele você encontrará tudo aquilo que o mundo não pode te oferecer: "No Coração de meu Jesus quero viver, padecer e agir de acordo com os seus desígnios e é por ele que quero amar e aprender a sofrer bem. Entrego-lhe todas as minhas ações, para que delas disponha conforme sua vontade e repare as faltas que cometerei" (Sentimentos dos Retiros, III).

Em Mt 11, 30 diz: "... **pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve**".

Santo Agostinho comenta: "Qualquer outra carga te oprime e esmaga, mas a carga de Cristo alivia-te o peso. Outra carga qualquer tem peso, mas a de Cristo tem asas. Se a um pássaro lhe tiras as asas, parece que o alivias o peso, mas quanto mais lhe tires este peso, tanto mais o atas a terra. Vês no solo aquele que quiseste aliviar de um peso; restitui-lhe o peso das suas asas e verás como voa (Sermão 126), e: "Como se dissesse: todos os que andais atormentados, aflitos e carregados com a carga dos vossos cuidados e apetites, saí deles, vinde a Mim, e Eu vos recrearei e achareis para as vossas almas o descanso que vos tiram os vossos apetites" (São João da Cruz, Subida ao Monte Carmelo, liv. I, cap. 7, nº 4).



*Ó Sagrado Coração de Jesus, eu tenho confiança em vós, convertei-me e convertei todas as famílias, pessoas do mundo inteiro. Jesus, eu te amo, mesmo consciente do meu nada e de todo o meu*

*pecado. Eu te amo, porque posso contemplar o Teu coração aberto pela lança fria dos meus pecados, posso em parte compreender até que ponto me amastes. E o que posso nesse nada que sou oferecer-Te senão o desejo que tenho de não mais te ofender?*

*Toma-me, Jesus, em Teu Coração e ajuda-me a viver na mansidão e na humildade. Coração de Jesus, atraí-me todo a Ti e fazei com que eu te ame cada vez mais. Também peço por aqueles que ainda não conhecem o amor do Teu Coração. Rogo com muito amor pelas famílias do mundo inteiro para que sejam consagradas ao Teu Coração e sejam seus lares verdadeiros santuários onde Tu Senhor possas reinar. Amém!*

(Pe. Hélio da Cunha)

## IMITAÇÃO DE CRISTO

Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos.

Se queres conhecer a verdade, crê em mim.

Se queres ser perfeito, vende tudo o que tens.

Se queres ser meu discípulo, renuncia a ti mesmo.

Se queres possuir a vida eterna, despreza a vida presente.

Se queres ser exaltado no céu, humilha-te neste mundo.

Se queres reinar comigo, leva comigo a minha cruz; porque somente os servos da cruz encontram o caminho da bem-aventurança e da verdadeira luz".



## REFLEXÕES:

"É para se espantar que seja necessário dizer continuamente ao homem: Pensa em tua alma, o tempo foge, vem chegando a eternidade; amanhã, talvez hoje, começará para ti; e todavia é verdade que se não lhe lembrassem a cada hora esta verdade tremenda a cada hora a esqueceria, tão funesta é a cegueira do mundo para a criatura decaída da graça! Acorda, desperta do sono da culpa, não difiras por mais tempo o cuidado da "única coisa necessária", apressa-te em pôr mãos à obra enquanto ainda é dia; "olha que já vem chegando a noite, durante a qual ninguém pode trabalhar", noite medonha, pavorosa noite que nunca terá aurora! (Lc 10,42; Jo 9,4).

Deixa, deixa sem perder um instante "a estrada da perdição e entra na vereda da vida".

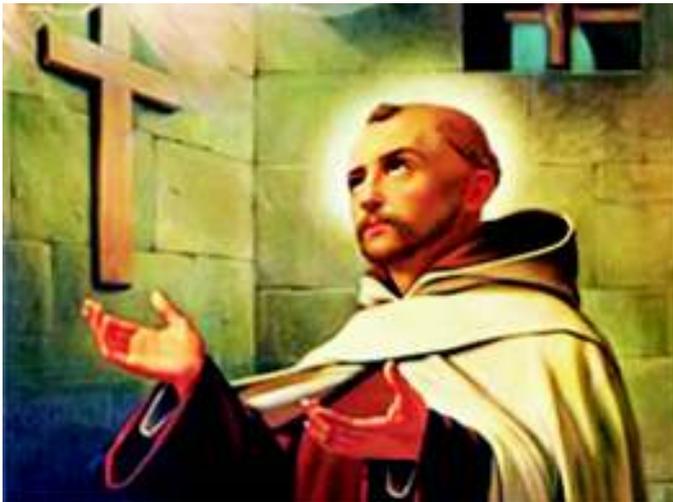
Combate vigorosamente as propensões da natureza para o mal, renuncia-te a ti mesmo e leva a tua cruz: na cruz está a fortaleza, esperança e a salvação. Ditoso, pois, aquele que não quer, como o Apóstolo, senão a Jesus e Jesus crucificado! No dia final, ouvirá estas palavras de eterna alegria: "Vem, bendito de meu Pai, possuir o reino que está preparado desde o princípio do mundo" (1 Cor 2,2; Mt 25,34).

Porém os que desprezaram a cruz, os que se tiverem buscado a si próprios, diferente sorte os espera: “Deus tem na mão uma taça cheia de vinho misturado, derrama-o para um e outro lado, a borra ainda não está esgotada e todos os pecadores dela hão de beber!” (Sl 74,9)



*“Ó meu Jesus, pela humildade de vosso coração que sempre mostrastes em todas as vossas palavras e ações, ensinastes-me que só o humilde sabe ter cuidado de sua alma e com temor de Deus se aproveita das mercês recebidas, e vive com cuidado de contentar a Deus, e ele como amor se apegar e assegura sua salvação. Dai-me, Senhor, este espírito de humildade para que bem conheça minha baixaza e miséria. Quantas vezes Senhor, me poderíeis matar e entregar com muita justiça aos demônios e mandar-me para o inferno, apartado de vós para sempre e todavia me suportais, e me esperastes até aqui e ainda aproveito tão pouco desta vossa paciência! Digam os homens de mim o que quiserem; tudo sofrerei por amor de vós, tudo perderei de bom grado contanto que sempre vos ame na terra e vos possua na eternidade.”*

## **BIOGRAFIA DE SÃO JOÃO DA CRUZ**



(.../1542 - 14/12/1591) Sacerdote e « Doctor Místicos »

Nasceu em 1542, em Fontibera, perto de Ávila, na Velha Castela. Era o mais jovem dos filhos de Gonzales de Yenez. A mãe, virtuosa senhora, inspirou-lhe, em boa hora, a devoção a Virgem: mereceu, assim, livrar-se de muitos perigos, por uma visível proteção daquela que com tanto fervor invocava.

Enviando, a mãe, com os filhos ainda de pouca idade, sem amparo, com eles se retirou para Medina. João foi enviado ao colégio, onde passou a aprender os primeiros elementos da gramática.

Pouco tempo depois, o administrador do hospital, que era testemunha da extraordinária piedade de João,

convidou-o para trabalhar, empregando-o ao serviço dos doentes, para fazer-lhes pequenas coisas. O jovem desincumbiu-se com grande zelo, raro na pouca idade que então tinha. A caridade sobressaía-lhe sobretudo nas exortações que aos enfermos fazia, inspirando-lhes sentimentos dos quais achava deviam ser penetrados.

Em segredo, praticava incríveis austeridades. Concomitantemente, estudava no colégio dos jesuítas, onde ia assimilando conhecimentos.

Quando completou vinte e um anos, tomou o hábito do Carmelo, em Medina, e foi a devoção pela santa Virgem que lhe determinou a preferência por aquela ordem religiosa. Jamais noviço algum mostrou mais submissão, humildade, fervor e amor pela cruz. O zelo, longe de diminuir, depois do noviciado, não cessou de ganhar novos acréscimos.

Enviado a Salamanca para estudar teologia, continuou com a prática de austeridades extraordinárias, e lá escolheu uma cela exígua e escura, que ficava ao fundo do grande dormitório. Uma tábua estreita e delgada, mais curta que comprida, era-lhe a cama. Trazia um cilício tão rude que, ao menor movimento do corpo, lhe brotava o sangue. Quanto aos jejuns e mortificações outras, raivavam o incrível. Tais eram os meios que empregava para morrer para o mundo e para si mesmo.

O exercício continuado da oração, ao qual se dedicava no silêncio e no retiro, trazia-lhe a alma em voo. A máxima fundamental da perfeição, da qual fazia regra de conduta, que mais tarde estabeleceu nos escritos que deixou, dizia que aquele que quer ser perfeito deve começar por fazer todas as ações em união com as de Jesus Cristo, desejando imitá-lo, revestindo-se do seu espírito. Em segundo lugar, deve mortificar os sentidos em todas as coisas, recusando-lhes tudo aquilo que possa ser contra a glória de Deus. Não queria ser mais do que irmão converso, mas os superiores não consentiram com o desejo.

Terminado o curso de teologia, feito com sucesso, foi ordenado sacerdote. Estava, então, com vinte e cinco anos. Preparando-se para a primeira missa, de novas e maiores mortificações lançou mão, além de longas orações ferventes e demoradas meditações no silêncio sobre os sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Queria, assim, imprimir no coração as feridas preciosas do Salvador e unir ao sacrifício do Homem-Deus o da própria vontade, das próprias ações: de todo o próprio ser, enfim.

As graças que recebeu desta primeira celebração dos santos mistérios lhe aumentaram ainda mais o amor pela solidão. E deliberou que devia ingressar na ordem dos Cartuxos.

Santa Teresa, tendo-o conhecido, quando João

estava em Medina do Campo, lá por 1567, comunicou-lhe, e a outro padre, o desejo que tinha de restabelecer a primitiva autoridade na ordem do Carmelo. O acordo entre ambos ficou assentado. Uma pobre casa foi-lhes dada no lugarejo de Durvelle.

Os dois padres ali se estabeleceram como puderam, e renovaram a profissão no primeiro domingo do Advento, em 1568. Era uma casinha baixa, acanhada, pouco ventilada. No melhor cômodo, fizeram a capela e o coro. Quando o frio era grande e o vento soprava, não havia quem pudesse, por um instante sequer, conciliar o sono. O teto era tão baixo, que pouco faltava para nele se roçar a cabeça. Sobre o altar que ergueram, duas janelinhas espiavam para Durvelle quieta e sonolenta.

Das matinas até a prima, ficavam em oração. E a oração era tão ensimesmada e tão quente, que, no inverno, quando a terminavam, tinham o hábito coberto de neve. Pregavam pelas circunvizinhanças, pelos lugares onde a instrução era nula. iam a pés nus sobre a neve e sobre o gelo. E, depois de terem passado quase todo o dia a pregar e a confessar, voltavam sem nada ter comido, coisa que lhes não parecia nada considerável.

Mais tarde, transferiram-se para Mancera. Tal foi a origem das carmelitas descalças, cujo instituto foi aprovado por Pio V e confirmado por Gregório XIII, em 1580.

A austeridade dos primeiros Carmelos reformados foram levadas tão longe, que Santa Teresa acreditou necessárias certas mitigações.

Viu-se Santa Teresa, mais tarde, obrigada a criar mais dois conventos, tal o renome que vinha de ter, e a santidade: o de Pastrano e o de Alcalá.

Os exemplos e as exortações de João da Cruz inspiraram a outros religiosos o espírito de retiro, de humildade e de mortificação. O amor pela cruz surgia-lhe em todas as ações, e aumentava dia a dia, meditando que vivia sobre os sofrimentos de Jesus Cristo. Trabalhava com afinco para se assemelhar perfeitamente a Jesus crucificado.

Para inteiramente purificar o coração, fez o Senhor com que aquele servo passasse pelas provas mais rigorosas, tanto interiores como exteriores.

O Santo, depois de ter provado as doçuras da contemplação, viu-se privado de toda devoção sensível. Essa frieza espiritual foi seguida pela perturbação interior, da alma: escrúpulos e desgostos dos exercícios de piedade, que o servidor de Deus não abandonou jamais. Ao mesmo tempo, os demônios assaltaram-no com as mais violentas tentações, e os homens perseguiram-no pela calúnia. De todas as penas, porém, os escrúpulos e a desolação interior foram-lhe as mais terríveis e dolorosas. Parecia-lhe ver o inferno aberto e pronto para engoli-lo.

Acha-se-lhe, no livro Da Noite Escura, uma admirável

descrição das angústias que aquele estado o fez provar. São angústias mais ou menos conhecidas das almas contemplativas. São provas que costumam preceder comunicações de graças especiais que Deus então passa a distribuir. Foi por isso que João da Cruz teve êxito sobre tal miséria, sobre tal pobreza de espírito, renunciando a todas as afeições terrenas, em inteira conformidade com a vontade de Deus, que é fundada sobre a destruição da vontade própria: a paciência heróica, a corajosa perseverança daquele que ao Senhor se entrega.

Os raios da luz divina atravessaram, afinal, as trevas em que o santo religioso estava aprisionado e se viu como que transportado a um paraíso de delícias. Novas trevas, porém, sucederam às primeiras. E as aflições e tentações vieram tão violentas que se julgava completamente abandonado por Deus, alheio absolutamente às lágrimas e aos suspiros sem fim, que lhe brotavam da alma. Caiu numa tristeza tão profunda que por pouco não pereceu: sustentou-o a graça de Deus. Logo lhe voltou a calma, acompanhada de doces consolações.

João da Cruz sentiu, então, mais do que nunca, a vantagem dos sofrimentos interiores: eram purificadores da alma, expulsadores de imperfeições. Sempre recolhido, e sempre com o pensamento voltado para Deus, crepitava-lhe o coração no fogo da divina caridade. E um ardente desejo de imitar Nosso Senhor Jesus Cristo sofredor, de também lhe carregar a cruz, de participar das humilhações, de servir o próximo por amor do Salvador envolvia-o todo sem cessar.

Passou, então, a gozar uma paz inaudita e inalterável, unido ao divino amor, alcançando os mais elevados páramos da contemplação.

As doçuras daquele estado eram tão vivas, as torrentes de delícias tão imensuráveis, que João da Cruz mesmo chegou a dizer: "Era como se eu, aos poucos, me fosse transformando em outra criatura, em criatura nova, diferente do que até então fora".

O Santo fundou vários mosteiros. As diversas atividades que exerceu não lhe foram empecilhos para que diminuísse as austeridades. Não dormia mais do que duas ou três horas, passando o resto da noite a orar diante do santo sacramento. Não se deixava admirar pela humildade que se lhe cristalizava, pelo insaciável desejo incontrolável de sofrer.

"Nós vemos, dizia ele ordinariamente, pelo exemplo de Jesus Cristo e dos mártires, que sofrer por Deus é o caráter distintivo do amor divino".

Um dia, entendendo que Nosso Senhor lhe perguntava que desejava em recompensa dos trabalhos que tivera, respondeu-lhe:

"Senhor, unicamente sofrer e ser por vós desprezado". Eram três as coisas que seguidamente pedia a Deus:

não passar um dia sequer sem sofrer no que quer que fosse, de não morrer superior de mosteiro algum e, finalmente, terminar a vida na humilhação, na desgraça e no desprezo.

A simples vista dum crucifixo era lhe suficiente para ficar banhado em lágrimas. A paixão do Salvador era o principal objeto das meditações que fazia, o que ele recomendava insistentemente nos escritos que à posteridade legou. A confiança que depositava em Deus, provedor, levava-o constantemente a dar aos pobres o que lhe era estritamente necessário; daí ter sido recompensado por inúmeras graças miraculosas. Chamava esta confiança em Deus o patrimônio dos pobres, o que devia ser característico de pessoas religiosas.

O fogo do amor divino de tal forma lhe queimava o coração, que as palavras envolviam esquisitamente os ouvintes. Todo absorvido em Deus, vivia unicamente para Deus. E um clarão, por vezes, lhe iluminava o rosto.

Certa personalidade, um dia, viu-se tão chocado pela luz que se irradiava daquele servo de Deus, que imediatamente deixou o mundo, ingressando na ordem de São Domingos. Uma senhora, que com ele se confessava, surpreendida pela celeste luminosidade que o aureolava, renunciou ao século e se consagrou toda à vida reclusa.

Em João da Cruz o coração era toda uma fornalha imensa de amor, fornalha que ele mesmo não tinha força para controlar. O amor pelo próximo, pelos pobres e doentes era infundável. Amava ternamente os inimigos, dando-lhes constantemente o bem pelo mal que, porventura, recebesse. Observava a mais estrita pobreza para se preservar do que quer que fosse do mundo. Tudo o que tinha na pequenina cela consistia numa imagem de papel, numa cruz de junco e num catre terrivelmente grosseiro. Escolhia o breviário mais manuseado e o hábito mais usado. O profundo sentimento, do qual vivia penetrado, inspirava extremo respeito por tudo aquilo que ao culto divino pertencia; daí procurar santificar todas as ações.

A maior parte do dia e da noite, passava-a a orar, principalmente diante do santo sacramento. Deus provou João da Cruz por mais de uma vez: sofreu calúnias, perseguições, doenças — perseguições movidas pelos próprios irmãos. A tudo suportava com paciência e com alegria, por amor de Deus.

Duas horas antes de morrer, recitou em alta voz o Miserere com os irmãos. Pediu, em seguida, que lhe lessem parte do Cântico dos Cânticos, e, durante a leitura, sentiu os mais vivos júbilos. Afinal, gritou:

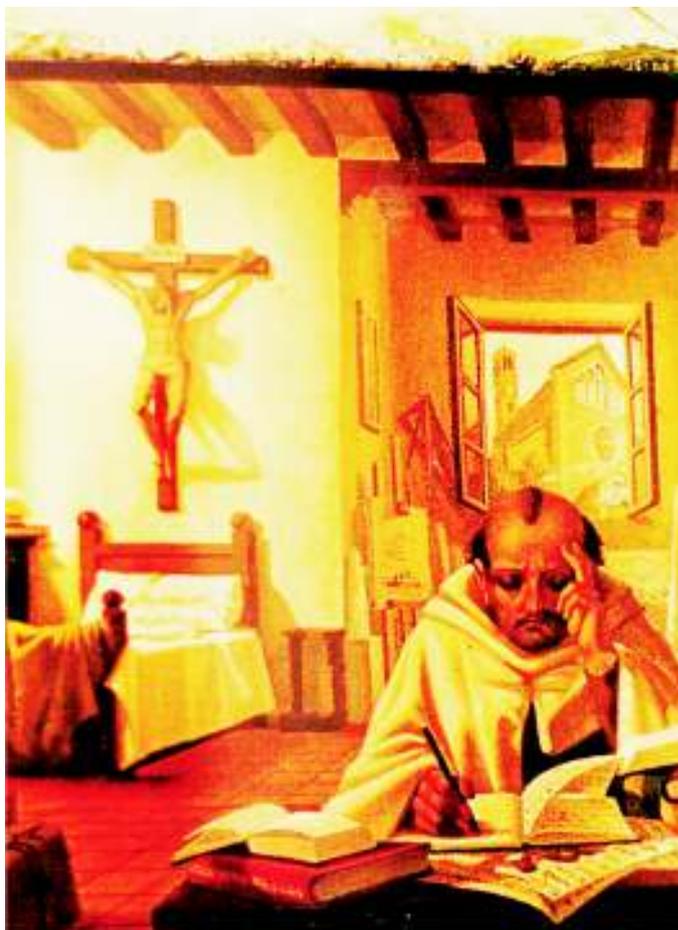
— Glória a Deus!

E, apertando o crucifixo sobre o coração:

— Senhor, entrego minha alma em vossas mãos!

Morreu tranquilamente em 14 de dezembro de 1591, com quarenta e nove anos, depois de ter passado vinte e oito na vida religiosa. Foi canonizado em 1726 por Bento XIII, que lhe fixou a festa em 24 de novembro.

Temos de São João da Cruz vários tratados místicos: Da Noite Escura, Do Carmelo, Cântico do Divino Amor Entre a Alma e Jesus Cristo seu Esposo, A Viva Chama do Amor, Poesias Sacras, Conselhos Espirituais, Cartas Espirituais, tudo escrito em espanhol.



O que de mais difícil há na obra do Santo é a interpretação Da Noite Escura. Eis o que lhe parece ser o fundamento: o homem carnal, o homem todo inteiro mergulhado na vida animal, um bêbado, por exemplo, nada concebe além de beber e de comer, nada além do corpo ou do que lhe apraz; tudo o que diz respeito ao intelecto — ciência, poesia, belezas morais, — é-lhe desconhecido ou leviandade. O homem razão, ou filósofo, mergulhado todo ele na natureza, nada concebe senão idéias naturais, nada além da razão humana. Tudo aquilo que é sobrenatural, divino — a fé, a graça — é-lhe leviandade. É para o cristão o que o bêbedo é para o filósofo. O homem carnal desconhece ou nega a ordem intelectual: para ele tal ordem não existe, pelo menos. Do mesmo modo, o homem da natureza desconhece ou nega a ordem sobrenatural, a ordem da graça, que para ele não existe. Para elevar-se à ordem intelectual, o homem carnal é obrigado a morrer para si mesmo, para entrar numa nova existência, num

mundo novo que primordialmente lhe parece uma noite escura: não que as trevas sejam reais: os olhos é que não estão ainda habituados a uma luminosidade excessiva.

Da mesma para elevar-se à ordem sobrenatural, à ordem da graça e da fé, para penetrar numa existência nova, num mundo novo, que nem mesmo suspeita, antes também lhe parece uma noite escura. Eis o que são as noites escuras de São João da Cruz. O homem carnal, tornando-se o homem da razão, não deixa de ser homem, mas melhor. O homem da razão, tornando-se o homem da fé, não deixa de ser o homem da razão humana, mas será mais homem da razão divina.

Eis uma bela frase de Santo Tomás: "A graça não destrói a natureza, mas pressupõe-na, aperfeiçoa-a". Assim a graça, submetendo a razão à fé, não destrói a razão, mas pressupõe-na. Não diminui. Ao contrário, eleva-a. Para submeter-se imediatamente a quem é igual ou inferior a si, rebaixa-se, mas para submeter-se incontinentemente a quem é infinitamente superior a si, a Deus, tal qual é na própria essência, infinitamente se eleva. Assim a graça da fé eleva a razão infinitamente acima de si mesma. Igualmente, quem submete os sentidos à razão, não os destrói, mas pressupõe-nos. Não os degrada: ao contrário, eleva-os, aperfeiçoa, espiritualiza. A grande questão, o ponto essencial, é estabelecer a subordinação entre os sentidos e a razão, entre a razão e a fé. Renuncia-se, então, a si mesmo, para que se entregue ao Senhor. É o que se prende ao que disse Jesus: Aquele que quiser seguir-me, renuncie a si mesmo. Foi o que fez um dos mais famosos místicos — São João da Cruz.

### **CARTA DE SUA SANTIDADE BENTO XVI SOBRE A DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS**

Carta Do Papa Bento XVI ao Padre Peter-hans Kolvenbach, Prepósito-geral da Companhia de Jesus Por Ocasão do 50º Aniversário da Encíclica "Haurietis Aquas" (sobre o Culto do Sagrado Coração de Jesus) Do Papa Pio XVI).

O lado trespassado do Redentor é a fonte à qual nos envia a Encíclica Haurietis aquas: devemos haurir desta fonte para alcançar o conhecimento verdadeiro de Jesus Cristo e experimentar mais profundamente o seu amor. Poderíamos assim compreender melhor o que significa conhecer em Jesus Cristo o amor de Deus, experimentá-lo mantendo o olhar fixo n'Ele, até viver completamente do seu amor, para depois o poder testemunhar aos outros. De fato, para retomar uma expressão do meu venerado Predecessor João Paulo II, "próximo do coração de Cristo, o coração humano aprende a conhecer o sentido verdadeiro e único da vida e do próprio destino, a compreender o valor de uma vida autenticamente cristã, a prevenir-se de certas perversões do coração, a unir o amor filial a Deus com o amor ao próximo. Assim e é a verdadeira reparação

exigida pelo Coração do Salvador sobre as ruínas acumuladas pelo ódio e pela violência, poderá ser edificada a civilização do Coração de Cristo" (Insegnamenti, vol. IX/2, 1986, pág. 843).

Na Encíclica Deus caritas est citei a afirmação da primeira Carta de São João: "Nós reconhecemos o amor que Deus tem por nós e acreditamos nele", para realçar que na origem do ser cristãos está o encontro com uma Pessoa (cf. n. 1). Porque Deus se manifestou do modo mais profundo através da encarnação do seu Filho, tornando-se "visível" n'Ele, é na relação com Cristo que podemos reconhecer quem é verdadeiramente Deus (cf. Enc. Haurietis aquas, 29-41; Enc. Deus caritas est, 12-15). E ainda: dado que o amor de Deus encontrou a sua expressão mais profunda no dom que Cristo fez da sua vida por nós na Cruz, é sobretudo olhando para o seu sofrimento e para a sua morte que podemos reconhecer de modo sempre mais claro o amor sem limites que Deus nos tem: "Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigênito, a fim de que todo o que crê não se perca, mas tenha a vida eterna" (Jo 3, 16).



Este mistério do amor de Deus por nós, entre outras coisas, não constitui apenas o conteúdo do culto e da devoção ao Coração de Jesus: ele é, de igual modo, o conteúdo de qualquer espiritualidade e devoção verdadeira. Por conseguinte, é importante realçar que o fundamento desta devoção é antigo

como o próprio cristianismo. De fato, só é possível ser cristão com o olhar dirigido para a Cruz do nosso Redentor, "Àquele a quem trespassaram" (Jo 19, 37; cf. Zc 12, 10). Justamente a Encíclica Haurietis aquas recorda que a ferida do lado e as dos pregos foram para numerosas almas os sinais de um amor que informou cada vez mais a vida deles (cf. n. 52). Reconhecer o amor de Deus no Crucificado tornou-se para elas uma experiência interior que lhes fez confessar, juntamente com Tomé: "Meu Senhor e meu Deus" (Jo 20, 28), permitindo-lhes alcançar uma fé mais profunda no acolhimento sem reservas do amor de Deus (cf. Enc. Haurietis aquas, 49).

O significado mais profundo deste culto ao amor de Deus só se manifesta quando se considera mais atentamente o seu contributo não só ao conhecimento, mas também, e sobretudo, à experiência pessoal deste amor na dedicação confiante ao seu serviço (cf. Enc. Haurietis aquas, 62). Sem dúvida, experiência e conhecimento não podem estar separados: um faz referência ao outro. É necessário entre outras coisas realçar que um verdadeiro conhecimento do amor de Deus só é

possível no contexto de uma atitude de oração humilde e de generosa disponibilidade. Partindo desta atitude interior, o olhar fixo no lado trespassado pela lança transforma-se em adoração silenciosa. O olhar no lado trespassado do Senhor, do qual jorram “sangue e água” (cf. Jo 19, 37), ajuda-nos a reconhecer a multidão dos dons de graça que dele provêm (cf. Enc. Haurietis aquas, 34-41) e abre-nos a todas as outras formas de devoção cristã que estão incluídas no culto ao Coração de Jesus.

A fé intensa como fruto do amor de Deus experimentado é uma graça, um dom de Deus. Mas o homem só poderá experimentar a fé como uma graça na medida em que a aceitar dentro de si como um dom, do qual procura viver. O culto do amor de Deus, ao qual a Encíclica Haurietis aquas convidava os fiéis (cf. *ibid.*, 72), deve ajudar-nos a recordar incessantemente que Ele assumiu sobre si este sofrimento voluntariamente “por nós”, “por mim”. Quando praticamos este culto, não reconhecemos só com gratidão o amor de modo que a nossa vida seja por ele cada vez mais modelada. Deus, que infundiu o seu amor “nos nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado” (cf. Rm 5, 5), convida-nos incansavelmente a acolher o seu amor. O convite a doar-se totalmente ao amor salvífico de Cristo e a dedicar-se a ele (cf. *ibid.*, n. 4) tem portanto como primeira finalidade a relação com Deus. Eis por que este culto, totalmente dirigido ao amor de Deus que se sacrifica por nós, é de importância insubstituível para a nossa fé e para a nossa vida no amor.

Quem aceita o amor de Deus interiormente, é por ele plasmado. O amor de Deus experimentado é vivido pelo homem como uma “chamada” à qual ele deve responder. O olhar dirigido ao Senhor, que “tomou as nossas enfermidades e carregou as nossas dores” (Mt 8, 17), ajuda-nos a tornar-nos mais atentos ao sofrimento e à necessidade dos outros. A contemplação adorante do lado trespassado pela lança torna-nos sensíveis à vontade salvífica de Deus. Torna-nos capazes de nos confiarmos ao seu amor salvífico e misericordioso e ao mesmo tempo fortalece-nos no desejo de participar na sua obra de salvação tornando-nos seus instrumentos. Os dons recebidos do lado aberto, do qual saíram “sangue e água” (cf. Jo 19, 34), fazem com que a nossa vida seja também para os outros fonte da qual promanam “rios de água viva” (Jo 7, 38) (cf. Enc. Deus caritas est, 7). A Experiência do amor haurida do culto do lado trespassado do Redentor tutela-nos do perigo do fechamento em nós mesmos e torna-nos mais disponíveis para uma vida para os outros. Disto conhecemos o amor: Ele deu a sua vida por nós, portanto também nós devemos dar a vida pelos irmãos (1 Jo 3, 16) (cf. Enc. Haurietis aquas, 38).

A resposta ao mandamento do amor é tornada possível só pela experiência que este amor já nos foi dado primeiro por Deus (cf. Enc. Deus caritas est, 14). O

culto do amor que nos torna visível no mistério da Cruz, representado em cada Celebração eucarística, constitui portanto o fundamento para que possamos tornar-nos pessoas capazes de amar e de nos doarmos (cf. Enc. Haurietis aquas, 69), tornando-nos instrumento nas mãos de Cristo: só assim se pode ser anunciadores credíveis do seu amor.

Mas este abrir-se à vontade de Deus deve renovar-se em cada momento: “O amor nunca está “concluído” e completo” (cf. Enc. Deus caritas est, 17). O olhar no “lado trespassado pela lança”, no qual resplandece a vontade ilimitada de Deus, não pode ser considerado como uma forma passageira de culto ou de devoção: a adoração do amor de Deus, que encontrou no “coração trespassado” a sua expressão histórico-devocional, permanece imprescindível para uma relação viva com Deus (cf. Enc. Haurietis aquas, 62).

Vaticano, 15 de Maio de 2006 - PAPA BENTO XVI

Pe. Divino Antônio Lopes FP.  
Anápolis, 12 de agosto de 2007

Fontes:

Livros:

- Imitação de Cristo - Tomás de Kempis – Editora Paulus  
Livro Terceiro – Capítulo LVI – Como devemos renunciar a nós mesmos e imitar a Cristo pela cruz e Capítulo XLVI – Da confiança que se deve ter em Deus, quando nos disserem palavras injuriosas

- Pe. Hohrbacher, Vida dos Santos - Tomo XX

Sites:

[http://www.filhosdapaixao.org.br/escritos/comentarios/escrituras/escritura\\_0060.htm](http://www.filhosdapaixao.org.br/escritos/comentarios/escrituras/escritura_0060.htm)

<http://nocoracaoodejesus.wordpress.com/>

<http://www.paroquiasantoantonio.net/artigo.php?cod=1000000042>

[http://www.voltaparacasa.com.br/santos/sao\\_joao\\_da\\_cruz/index.htm](http://www.voltaparacasa.com.br/santos/sao_joao_da_cruz/index.htm)

Informativo:

*Instituto de Música Santa Cecília*

Teclado - Contra-Baixo - Violão - Guitarra  
Bateria - Canto - Musicalização Infantil

**Fone: (19) 3241-7706**

Aulas aos sábados

Edição e Publicação:



*Associação Filhos de Jesus e Maria*

[www.afjm.org.br](http://www.afjm.org.br)

Tiragem: 100 exemplares